

UMA BREVE HISTÓRIA DO FAZER LEXICOGRÁFICO

Emília Maria Peixoto Farias¹

RESUMO: *Este trabalho está inserido no campo da metalexigrafia e tem com objetivo descrever a história do fazer lexicográfico ao longo da história. Certamente não trataremos de forma exaustiva o tema, mas nos propomos a apresentar momentos e obras representativas desse percurso de maneira que possamos apresentar uma visão panorâmica da cronologia da arte de fazer dicionários.*

PALAVRAS-CHAVE: *lexicologia, metalexigrafia, dicionários.*

ABSTRACT: *This paper is included in the field of metalexigraphy and has as its main objective to present the history of lexicography. The purpose is not to treat the theme exhaustively rather we will present the most important moments of the lexicographic praxis and their most representative works.*

KEYWORDS: *lexicology, metalexigraphy, dictionaries.*

1. A ANTIGUIDADE

Ao considerarmos a evolução do homem, podemos dizer que os dicionários são parte integrante da evolução da língua. A palavra dicionário tem sua origem no latim medieval *dictionarius*, significando coleção de palavras. No entanto mesmo tendo origem latina, a tradição de colecionar e organizar palavras em forma de listas remonta ao tempo dos Acádios, povo habitante da região central da Mesopotâmia, no século VII a C.

Segundo Welker (2004, p. 62), “existiam [...] listas bilíngües onde cada termo sumério é apresentado com sua tradução em acadiano e essas tiveram um papel cada vez mais importante [...]” Essas listas bilíngües apresentavam organização a partir de campos semânticos ligados principalmente às atividades mercantis da época. Os babilônios também se inserem nessa pré-história da lexicografia ao produzirem suas listas de palavras três milênios antes da era cristã.

Dessa forma, não podemos afirmar que a atividade lexicográfica tenha sido desenvolvida na Antiguidade, pois bem antes desse período a paleolexicografia já havia alcançado desenvolvimento expressivo, uma vez que os eblaítas, sumérios, acadianos e babilônios já haviam produzido suas listas bilíngües. Da Antiguidade só há referências a obras lexicográficas

¹ Doutora e Pós-doutora em Letras. Professora do Programa de Pós-Graduação em Linguística e do Departamento de Letras Estrangeiras da Universidade Federal do Ceará (UFC). emiliapfarias@globo.com

gregas, que influenciaram na elaboração de repertórios egípcios monolíngües, aos glossários produzidos em Alexandria e ao *Appendix Probi*, do século III d.C.

Tratava-se, este último, de uma lista contendo 227 formas consideradas inapropriadas do latim juntamente com suas respectivas formas na norma culta. As formas inapropriadas ali listadas eram de uso corrente por parte dos falantes e incluíam: o diminutivo, as mudanças no timbre das vogais, a diminuição no número de sílabas das palavras, a supressão de consoantes e, principalmente, a elipse o “m” no final de algumas palavras. Seguindo a tradição à época, o *Appendix* apenas listava as palavras. Abaixo reproduzimos algumas de suas glosas, conforme Ilari (1997, p. 71):

*“speculum non speclum
masculus non masclus
vtulus non veclus
vitulus non viclus
vernaculus non vernaclus
articulus non articlus
barculus non vaclus
angulus non anglus
iugulus non iuglus
vacui non vaqui
cultellum non cuntellum
Marsias non Marsuas
+ cannelam non canianus
Hercules non Herculens
columna non colomna
pecten non pectinis
aquæductus non aquiductus
cithara non citera
crista non crysta
formica non furmica
musium non mus(e)um
exequiæ non execiæ
[...]»*

Ainda deste período, podemos citar a obra *De Lingua Latina* da autoria de Varrão, gramático romano do século I a.C, que apresentava além da etimologia, os aspectos semânticos de algumas palavras. Welker (ibid., p. 63), citando Matoré (1968) e Boisson, Kirtchuk & Béjoin (1991), faz referência aos dicionários gregos que datam do século I a V da era cristã, mas também mencionando o fato de que essas obras tiveram como predecessores “obras mais antigas como o dicionário de Aristófano de Bizâncio (cerca de 257-180 a.C.), diretor de biblioteca de Alexandria [...] e fundador de uma verdadeira escola de lexicografia.”

2. A IDADE MÉDIA

O período medieval foi marcado por intensa atividade lexicográfica. Neste período, com a ascensão das línguas à categoria de vernáculos, ocorre grande investimento na elaboração de obras lexicográficas, com destaque especial para os glossários e as enciclopédias. A tradição de listar palavras fez com que ressurgissem e se multiplicassem as listas temáticas bilíngües. Estas poderiam estar vinculadas, por exemplo, a um campo de atividade, a uma profissão, ou mesmo a setores variados como as ervas, os instrumentos bélicos, as especiarias, dentre outros.

Neste período, as línguas faladas apresentavam-se tão diferentes do latim clássico, língua do direito, da igreja e da difusão do saber e da cultura, que a prática de fazer listas temáticas de palavras e explicá-las por meio de glosas tornou-se indispensável. De acordo com Nunes (2006: p. 47), “as nominalia, como as chamamos na Idade Média, foram o suporte onomasiológico da aprendizagem medieval do latim.” Das listas temáticas de base onomasiológica, o autor destaca a *Elementarium doctrinae erudimentum*, de autoria do estudioso italiano Papias, datada do século XI e a lista de Bibbesworth, do século XII, que destinava-se ao ensino do francês.

Quando as glosas apresentavam organização alfabética ou qualquer outra forma de sistematização, passavam a ser chamadas de “glossários”. Os glossários, por sua vez, eram usados na *práxis* docente como instrumento de consulta para a interpretação de textos em latim e grego. Inicialmente, integravam os textos, mas posteriormente, tornaram-se independentes apresentando formas diferentes de organização.

Do período medieval, destacamos as *Etimologias*, de Santo Isidoro de Sevilha, composto de vinte volumes, sendo uma obra indispensável nas bibliotecas da época. Nunes (2006: p. 46), afirma que a obra de Santo Isidoro “contemplava desde as artes liberais, com destaque para o *trivium* (lógica, retórica e gramática) até as artes utilitárias: saber jurídico, teológico, ciências da guerra e do mar, tempo e espaço cotidiano.”

Sem dúvida, os glossários formaram a semente da arte na elaboração dos dicionários. Inicialmente, essas obras tinham como consulentes somente os mestres, pois tratavam-se de textos complexos, volumosos e de manipulação muito difícil. Posteriormente, com a descoberta da imprensa e com a expansão da escolarização na Europa, essas obras tornaram-se mais acessíveis. Ainda deste período da história, destacamos o *Glossário de Reichenau* (do século VIII), *Glossário de Cassel*, do século IX, o *Papias* e o *Catholicon*, de João Balbo de Gênova, do século XV, primeiro dicionário impresso por Gutemberg.

3. A IDADE MODERNA

A Modernidade é considerada o período em que a prática lexicográfica realmente se intensifica. Surgem nesta época, mais precisamente no século XV, os primeiros dicionários bilíngües espanhóis: o dicionário castelhano-latim *Universal Vocabulario*, de Alonso Palencia (1490), o vocabulário *Latino Español* da autoria de Antonio de Nebrja, que mais tarde, em 1507, publica também um dicionário latim-catalão.

A Europa, do século XVI, foi marcada pelo surgimento de inúmeros dicionários bilíngües em muitos países como a Espanha, Itália, França e Portugal. Na França, destacamos o *Dictionarium latino-gallicum* e o *Dictionnaire françois-latin*, de Robert Estienne, publicados em 1539.

Foi durante o período renascentista que os dicionários de uma única língua passaram a ser chamados de *thesaurus* (*tesouro*). Podemos então citar as seguintes obras caracterizadoras desta fase: o *Thesaurus latinae linguae*, de Robert Estienne, publicado em 1532 e o *Thesaurus graecae linguae*, de Henri Estienne, publicado em 1572.

Além dessas obras, muitas gramáticas das línguas vernáculas desses países foram publicadas. Todas porém compartilhavam de muitas semelhanças. Segundo Biderman (1984, p. 2), “os dicionários seicentistas eram cheios de lacunas e os dicionaristas da época copiavam-se uns aos outros.”

No século XVII o número de dicionários monolíngües aumentou muito. Podemos citar desta época o *Tésoro de la Lengua Castellana*, de autoria de Sebastian Covarrubias, o *Diccionario de Autoridades*, da Real Academia Espanhola e os dicionários franceses *Richelet*, *Furetière* e o *Dicionário da Academia Francesa*.

A obra de Covarrubias é reconhecida como de grande valor, principalmente por constituir-se não somente de um dicionário lingüístico que explica palavras e expressões mas, também por ser uma obra enciclopédica ao oferecer informações complexas a respeito da cultura da época.

Multiplicaram-se também, neste período, os dicionários plurilíngües tanto na Espanha como na Alemanha. Ilustramos esse fato com as seguintes obras: *Thesaurus polyglottus* de Girolamo Megiser, que apresenta abonações em 400 línguas, publicado na cidade de Frankfurt, em 1603; o *Thrésor des deux langues françoise et espagnole*, de Cesar Oudin, publicado em Paris, no ano de 1607; o *Trésor de l'histoire des langues de l'univers*, da autoria de Claude Duret, publicado em Colônia, em 1613; o *thesaurus utriusque linguae hispanae et latinae omnium correctissimus*, de V. Requejo, publicado na cidade de Madri em 1679.

No século XVIII, uma obra de enorme valor caracteriza os esforços lexicográficos da época: a Enciclopédia, cujo projeto foi impulsionado por

Diderot e D'Alembert, mas posteriormente outros integrantes colaboraram na execução da obra como: Holbach, Jacourt, Montesquieu e Turgot. Segundo Azevedo (1997: 160), a Enciclopédia foi inicialmente “*uma adaptação do Dicionário Universal das Ciências e das Artes de Ephraim Chambers (1728)*” e sua primeira edição era composta por trinta e cinco volumes, dos quais dois continham apenas ilustrações.

Uma curiosidade a respeito da Enciclopédia é o verbete dicionário, que Biderman (1984: 2) assim o transcreveu:

Num dicionário da língua francesa, há principalmente três coisas a considerar: a significação das palavras, o seu uso e o tipo de palavras que devemos incluir neste dicionário. A significação das palavras se estabelece por boas definições; seu uso, por uma excelente sintaxe; seu tipo, enfim, pelo próprio objetivo do dicionário.

Outra obra renomada é a *Encyclopaedia Britannica*. Editada pela primeira vez em Edimburgo, na Escócia, no ano de 1768, por três tipógrafos, a enciclopédia era composta de 2.700 páginas em três tomos, no entanto, ao longo das edições subseqüentes foi tornando-se cada vez mais completa e complexa chegando à edição atual, 15^a, com 32 volumes, totalizando 32.000 páginas, com 134.000 verbetes e pesando 54 quilos.

A partir de 1809, ano de sua quarta edição, a *Britannica* passou a contar com a colaboração de especialistas de grande prestígio internacional como: Albert Einstein, Sigmund Freud, Leon Trotsky, Henry Ford, incluindo também a contribuição de presidentes como John Fitzgerald Kennedy, que certamente tornaram a obra ainda mais rica e prestigiosa nos meios acadêmicos.

Atualmente, o avanço tecnológico permitiu que a *Britannica* reduzisse o volume e peso. Agora, a enciclopédia pode ser encontrada em CD-ROM, em 2 discos, com 134 000 verbetes e pesando apenas 30 gramas.

Inquestionavelmente, a França produziu uma gama de dicionários qualitativamente superiores aos da época que foram elaborados em outras línguas. Já a lexicografia portuguesa acontece mais tardiamente, pois a produção de seus melhores dicionários acontece a partir do início do século XVIII. Segundo Nunes (2006, p. 49), “a obra de Jerônimo Cardoso é considerada fundadora da lexicografia portuguesa.” O *Dictionarium ex lusitano in latinum sermonem*, datado de 1562, é um marco na arte de fazer dicionários em Portugal. Ainda conforme o autor, logo após vieram o *Dictionarium lusitano-latinum*, de 1611 de autoria de Agostinho Barbosa e o *thesouro da lingoa portugueza*, de Bento Pereira.

Dentre as obras mais antigas e valiosas está também o *Vocabulario Portuguez e Latino*, de autoria do Padre Rafael Bluteau, composta de dez volumes, elaborado em Coimbra entre os anos de 1712 e 1721. Trata-se, seguramente, de uma obra com características enciclopédicas por apresentar

uma grande variedade de informações a respeito das coisas e do mundo com base em um *corpus* de onde foram extraídas todas as abonações.

Uma outra obra que merece destaque é o *Elucidario de palavras e frases que em Portugal antigamente se usaram e que hoje regularmente se ignoram: obra indispensável para entender sem erro os documentos mais raros, e preciosos, que entre nós se conservam*, da autoria do Frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, produzido em Lisboa em 1798.

Outra obra-prima da lexicografia portuguesa é o *Dicionário da Língua Portuguesa*, da autoria de Antônio de Moraes e Silva, editada em Portugal (Lisboa), em 1789. A primeira versão dessa obra era um resumo do *Dicionário de Bluteau*, composta de dez volumes. Segundo Biderman (1984, p. 4) “Morais considerou como obra do Padre Rafael Bluteau, visto que escreveu no frontespício desse dicionário: “composto pelo Padre Rafael Bluteau, reformado e acrescentado por Antônio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro.” Essa é a razão pela qual o nome de Moraes não é mencionado nessa edição.

O nome do dicionarista só aparece na edição atualizada de 1813, composta de dois volumes, pois Antônio Moraes já a considerava uma obra sua e, conseqüentemente, o nome de Bluteau não mais figurava. Essa obra é considerada até os dias atuais o orgulho da lexicografia brasileira do século XIX. Segundo Marlos Pessoa, professor da UFPE em entrevista publicada no *Jornal do Comércio*, “o grande mérito de Moraes foi ter simplificado os dez volumes do *Dicionário de Bluteau*, tornando-o acessível ao povo [...] .”

A partir dessa segunda edição, seguiram-se várias outras até a 10ª (1949-1959), composta de doze tomos, sendo modificada por José Pedro Machado e Augusto Moreno Cardoso Jr.

Contudo, Haensch (1982, p. 108) afirma que o século XVIII não foi somente o século das enciclopédias, nesse período surgem também os dicionários normativos, dentre os quais destaca: o dicionário da Academia Francesa e o *Diccionario de autoridades*, publicado pela Real Academia Espanhola, que teve como precursor o *Vocabulario degli Accademici della Crusca*, publicado em Veneza, em 1612. Essa obra tinha como objetivo o reconhecimento e o estabelecimento de uma língua literária italiana, baseada no dialeto da região da toscana.

No século XIX, a difusão e a qualidade dos dicionários aumentam sensivelmente. Na França surgem grandes dicionários como: Laveaux, Raymond, Landais, Academia, Littré, Larrousse e o *Dictionnaire Général*. Duas curiosidades merecem ser citadas a respeito de duas dessas obras: Littré dedicou trinta anos na organização e elaboração do seu dicionário e o Larrousse foi publicado com dezessete volumes.

Em língua portuguesa destacamos *O Grande Dicionário Português* ou *Tesouro da Língua Portuguesa*, da autoria de Frei Domingos Vieira, embora a execução da obra tenha ficado a cargo de uma equipe em consequência do falecimento do Frei.

Constituído de cinco grandes volumes com 1.200 páginas, em média, essa obra possui uma constituição de verbetes que segue uma criteriosa sistemática. Um dos grandes valores do *Grande Dicionário* está na definição lexicográfica acompanhada de abonações que contextualizam a unidade lingüística registrando de modo completo sua referência bibliográfica.

Outra obra de destaque é o *Aulete, Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, planejado e iniciado por Caldas Aulete foi finalizado por Santo Valente e demais colaboradores, devido à morte do ilustre lexicógrafo.

Com o surgimento da Lingüística Histórica no século XIX, foram elaborados importantes dicionários históricos e etimológicos. Destacamos aqui a contribuição da escola alemã de lexicografia com as obras de: Jacob e Wilhelm Grimm, *Deutsches Wörterbuch*, concluída em 1961; e O. Böhlingk e R. Roth, *Sanskrit- Wörterbuch*, publicada em 1884.

Nesse período, também multiplicaram-se as publicações de dicionários de línguas regionais (basco, galego, valenciano), de línguas ameríndias e de campos especializados como: a medicina, o , direito, a mineração, a agronomia, as artes militares, a farmacologia, o comércio, dentre muitas outras.

O século XX foi marcado por um desenvolvimento acelerado na produção de obras lexicográficas. Na França, na Espanha, na Inglaterra, na Alemanha, em Portugal e no Brasil multiplicam-se as variedades e as técnicas do fazer lexicográfico.

Na Inglaterra, por exemplo, destacamos o *Collins Cobuild English Language Dictionary* (1987), elaborado pelo Departamento de Língua Inglesa, da Universidade de Birmingham, a partir de base de dados coletados da linguagem cotidiana. O *Dictionary of English Language and Culture*, da Editora Longman, foi elaborado a partir da análise de linguagem autêntica extraída de livros e jornais americanos e ingleses, além do banco de dados elaborado ao longo de muitos anos da própria editora Longman.

No Brasil, do século XX, muitas obras merecem destaque, mas limitaremos-nos a tecer algumas considerações a respeito do *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Antenor Nascentes (1961-1967), o *Vocabulário da Língua Portuguesa* (1981), o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, (1975; 1986; 1999), o *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* (1998), o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (2004) e o *Dicionário UNESP o português contemporâneo* (2004), de Borba e colaboradores.

O primeiro dicionário é fruto de um trabalho de mais de 3 anos, cujo projeto foi proposto por Afrânio Peixoto, à época presidente da Academia Brasileira de Letras, a Antenor Nascentes. Inicialmente, o

projeto contava com 100.000 palavras, que posteriormente foi ampliado para 25.000. Antenor Nascentes concluiu sua obra dicionarística em 1943, apesar da sua publicação compreendendo quatro volumes só ter acontecido de 1961 a 1967. Embora seja uma obra criteriosa, não é muito conhecida e segundo Murakawa (1998, p.153) “saiu publicado numa única edição pelo Departamento de Imprensa Nacional, esgotando-se rapidamente.”

Em 1971, foi solicitada à Academia Brasileira de Letras a elaboração de um vocabulário ortográfico da língua portuguesa. Tal obra teria como base fundamental o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa* da Academia das Ciências de Lisboa, edição de 1940, seguindo de perto a orientação Ministro da Educação e Saúde à época.

A nomenclatura do vocabulário deveria ser composta por: brasileirismos consagrados pelo uso; estrangeirismos e neologismos de uso corrente no Brasil e necessários à literatura; formas substitutivas àquelas usadas em Portugal referentes à pronúncia e morfologia etc. Mesmo em se tratando de uma obra de referência, o Vocabulário é pouco difundido e, conseqüentemente, pouco consultado, uma vez que para o consulente, muitas de suas dúvidas em relação ao vocabulário da língua podem ser resolvidas prontamente consultando dicionários monolíngües, como o Aurélio, o Michaelis e o Houaiss.

O terceiro é, sem dúvida alguma, o dicionário de língua portuguesa mais consultado e vendido da atualidade. Pode até ser considerado um tesouro, se levarmos em conta o número de entradas. Nele podem ser encontrados arcaísmos, gírias, regionalismos, e estrangeirismos. As abonações parecem ser poucas, se comparadas às entradas, mas isso definitivamente não compromete o destaque da obra, que tem ao seu favor a marca de mais de quinze milhões de exemplares vendidos desde a primeira edição de 1975.

A última edição do *Aurélio* chegou ao mercado com o título *Novo Aurélio: século XXI*, com 25% a mais de texto do que a edição anterior. Possui 28.000 verbetes novos, totalizando 168.000. Conta ainda com 54.000 citações extraídas de obras de 1.400 autores. Essa edição pode também ser encontrada em CD-ROM.

A quarta obra, *Michaelis: Moderno Dicionário da Língua Portuguesa* foi lançado no mercado em abril de 1998 e já se tornou uma obra de referência da língua portuguesa. Possui 2.259 páginas, com mais de 200.000 verbetes e já vendeu 85.000 exemplares em menos de um ano. Trata-se de uma obra lexicográfica atualizada e de destaque à disposição dos falantes do português.

A quinta obra, o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* foi lançado em 2001 e se trata de mais um vultuoso registro da língua portuguesa. O projeto levou 10 anos para ser concluído e contou com a colaboração de 140 especialistas de origem brasileira, portuguesa, timorense e angolana. O *Houaiss* possui 228.500 verbetes, distribuídos em 3.008 páginas.

Segundo Schmitz (1997: 66-67), outros projetos bem sucedidos também já foram concluídos e resultaram em obras valiosas como: o *Dicionário Gramatical de Verbos*, de Borba (1980), o *Dicionário de Expressões Idiomáticas Metafóricas* (Inglês-Português), de Steinberg e Camargo (1885), o *Dicionário Usual de Termos e Expressões Comerciais do Mercosul* (Espanhol-Português/Português-Espanhol), de De Lucca (1996), o *Dicionário Didático do Português*, de Biderman (1998), dentre outros.

A sexta obra, o *Dicionário UNESP do Português Contemporâneo*, organizado por Francisco S. Borba e colaboradores além de atual, possui o mérito de ter sua nomenclatura composta com base em um *corpus* de aproximadamente 50 milhões de palavras registradas a partir de textos escritos no Brasil desde 1950. Foram feitas também notações concernentes ao uso do português europeu contemporâneo.

Finalmente, diante do breve relato histórico da arte de fazer dicionários, percebemos que mais do que um instrumento para arquivar, organizar e recuperar informações lingüísticas, os dicionários são, antes de tudo, um registro da história do homem.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Cleide. Autor do primeiro dicionário português viveu na Muribeca. *Jornal do Comércio*, Recife, 27 ago., 2000.
- AZEVEDO, Antonio Carlos do Amaral. *Dicionário de nomes, termos e conceitos históricos*. 2.ed. rev. e amp. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.
- BIDERMAN, Maria Teresa Camargo. A ciência da lexicografia. *Alfa*, São Paulo, 28 (supl.), p.1-26, 1984.
- FARIAS, Emilia Maria Peixoto. *A linguagem da moda no português contemporâneo*. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2001.
- HAENSCH, Günter. Tipología de las obras lexicográficas. In: Haensch, G. Et al. (ed), *Madrid: Biblioteca Románica Hispánica; Editorial Gredos*, p.95-187, 1982.
- ILARI, Rodolfo. *Lingüística românica*. 2.ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.
- MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Primeiros dicionários a estabelecerem um padrão lingüístico no Brasil. *Anais do 1º Encontro do GT de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia da ANPOLL*. Faculdade de Letras/UFRJ/UFPE: CNPq, p.145-159, 1998.
- NUNES, José Horta. *Dicionários no Brasil: análise e história do século XVI ao XIX*. São Paulo: Fapesp; São José do Rio Preto, SP: Faperp, 2006.
- SCHMITZ, John Robert. Rumos e tendências na lexicografia brasileira. In: Almeida et al.(orgs.) *SÉRIENCONTROS*. Publicação do Curso de Pós-Graduação em Lingüística e Língua Portuguesa. Araraquara: UNESP, ano XV, n.1, p.55-67, 1997.
- WELKER, Herbert Andreas. *Dicionários: uma pequena introdução à lexicografia*. Brasília: Thesaurus, 2004.